

Artes

Pedia a chave da porta, acendia umas velas e ficava a trabalhar sozinho nas gráficas durante a noite para preparar os seus livros e as suas revistas sem confiar nenhuma parte do seu processo artístico a mais ninguém.

Foi assim que José Vilhena, que morreu no sábado, 3 de Outubro, aos 88 anos, marcou várias gerações de portugueses e criou centenas de títulos emblemáticos, entre eles *História Universal da Puhlice Humana* ou *O Filho da Mãe* e a revista *Gaiola Aberta*, que começou a publicar logo depois do 25 de Abril como crónica satírica do pós-revolução.

“Apesar de ele próprio não se incluir na linha dos grandes autores e romancistas como Eça de Queirós, de quem era grande admirador, possuía uma escrita requintada, com estruturas cuidadas, mas ao mesmo tempo acessíveis ao grande público. Fazia livros humorísticos, mas onde as pessoas conseguiam aprender. E, como todo o bom humorista, punha a nu os podres da sociedade, espevitava a consciência política, fazia crítica de costumes e divertia as pessoas”, conta, à **SÁBADO**, Luís Vilhena, o sobrinho arquitecto que faz de guardião da obra do tio e gere o *site* www.vilhena.me, dedicado ao autor.

É aí, logo à cabeça, que se lê “o incorrigível e manhoso Vilhena”, retirado de um relatório da censura do Estado Novo, emitido em 1965, para proibir mais uma vez um dos seus livros – além disso foi preso três vezes pela PIDE.

Até ao 25 de Abril, os livros circulavam clandestinamente e vendiam-se por baixo das mesas, mas mesmo quem não os lia já conhecia as histórias. Atacou os brandos costumes do Portugal de Salazar, riu-se do Estado Novo, usou o erotismo como veículo de liberdade e o corpo feminino como símbolo de libertação sexual, atacou tanto o Papa como Carolina do Mónaco (que o tentou processar nos anos 1980) e criticou tanto a esquerda como à direita.

“Foi um dos poucos artistas do

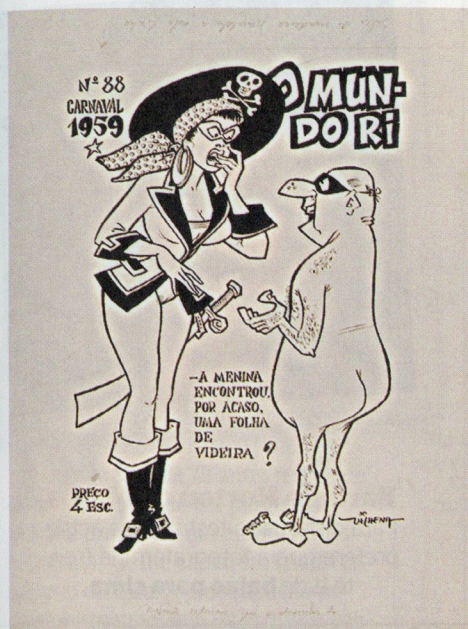


▲ José Vilhena numa foto de 2013: morreu no sábado, 3 de Outubro

NOS ANOS 1980, A PRINCESA CAROLINA DO MÓNACO QUIS PROCESSÁ-LO POR CAUSA DE UM DESENHO

O “incorrigível e manhoso” José Vilhena

Os adjectivos são da PIDE, que tantas vezes censurou o escritor, ilustrador e cartoonista, que morreu aos 88 anos. Biografia de um pensador livre. Por Catarina Homem Marques



lumes numa só edição, e o segundo, *Criada para Todo o Serviço*, já em 2016.

“Vão ser edições fac-similadas porque era tudo feito por ele e uma repaginação tiraria a graça aos livros.” A editora vai continuar a publicar um mínimo de duas obras por ano – “era uma coisa que queria fazer há muitos anos. Eram livros praticamente impossíveis de encontrar e isso não pode acontecer.”

Segundo Hugo Xavier, no pré-25 de Abril toda a gente conhecia José Vilhena, nem que fosse como “aquele cartoonista que está sempre a ser preso por escrever coisas pornográficas”, e é essencial que volte a ser conhecido.

Distribuiu livros nas tabacarias

José Vilhena nasceu em Figueira de Castelo Rodrigo a 7 de Julho de 1927, estudou Belas-Artes no Porto, mas começou a trabalhar cedo e não concluiu o curso de Arquitectura. Começou por ser co-fundador de *O Mundo Ri*, que saía com o *Diário de Lisboa*, em 1955, e só depois iniciou o seu percurso de “one man show”, como refere o sobrinho no *site*, com uma sequência de livros de bolso humorísticos.

Além de escrever e editar, era também ele que andava de tabacaria em tabacaria a distribuir os exemplares. Publicou-se a si próprio, mas também trouxe para Portugal autores como Guy de Maupassant, Nicolau Gogol ou Alphonse Allais, através da sua editora, a Branco e Negro.

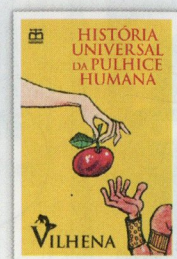
Morreu “vítima de doença prolongada”, como comunicou a família, que teve de se ir despedindo dele ainda em vida por causa da doença de Alzheimer. “Foi duro perceber que uma pessoa com as suas qualidades começava a abandonar o corpo. Mas mesmo durante esses anos, em que não encontrava o tio que conheci, mantinha o sentido de humor em algumas observações. Era uma pessoa singular, com conhecimento e cultura para dar e vender, mas não falava muito e não gastava palavras desnecessariamente”, conclui Luís Vilhena. ■



Política, religião e costumes, tudo foi alvo de Vilhena. Os dois desenhos foram cedidos à **SÁBADO** por um familiar com a indicação de serem “extremamente raros”; *Gaiola Aberta* foi a sua publicação mais famosa

Livro *História Universal da Pulhice Humana* Autor

José Vilhena
Editora
E-Primatur



Reedição

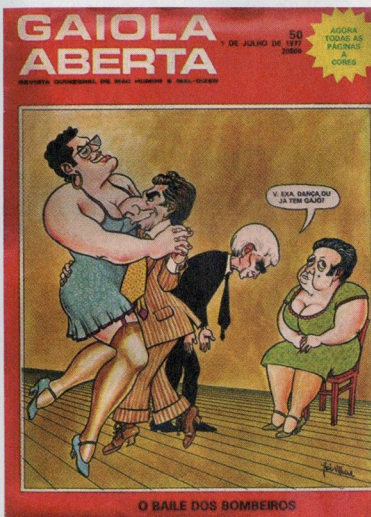
Três volumes sobre a pulhice humana

Era para ter continuado, mas uma das obras mais conhecidas de José Vilhena, aquela que vai ser reeditada pela E-Primatur já no final de Outubro e que mostra como **toda a humanidade é lixada pelos ricos**, a política e a religião, ficou-se pelos três volumes: um dedicado ao Egipto, outro à Pré-História e o último aos judeus. Agora volta num só volume, até porque os originais dos anos 1960, feitos pelo autor, só se encontram em alfarrabistas ou surgem raramente em leilões *online*.

a sua obra gráfica para o garantir.

“Encontrei vários livros dele nas arcas da casa dos meus avós, foi assim que o conheci. Tinham sido lidos pelos meus pais e pelos meus tios e é incrível como acabou por marcar tantas gerações”, afirma Hugo Xavier, editor da E-Primatur, a editora que comprou os direitos para reeditar a obra de Vilhena.

Ó primeiro livro sai já no final do mês, a *História Universal da Pulhice Humana*, com os três vo-



século XX que inclui na sua obra a pintura, o desenho, a caricatura, a fotografia, a fotomontagem, a escrita, o teatro e até o cinema. Estou certo de que quem o lia e apreciava sente hoje falta de um José Vilhena de humor cáustico e inteligente ou uma publicação humorística em Portugal verdadeiramente independente.

É por isso que será recordado como um dos grandes humoristas do seu tempo, acrescenta o sobrinho, que ainda tem esperança de que as novas gerações venham a conhecer melhor José Vilhena e já está a preparar uma exposição com